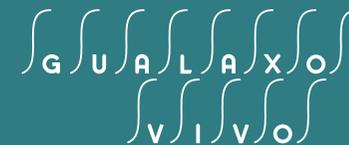


As águas de minha bacia – as do Gualaxo do Norte – receberam novos usos durante o regime militar no Brasil. Por um lado, continuaram a servir à mina do Morro do Fraga, que se mantinha ativa, produzindo tanto ouro quanto minério de ferro; já a a lavra de Ouro Fino mostrou-se exaurida (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 71). Em contrapartida, as pequenas sociedades de mineração então existentes na cidade de Mariana encontravam-se em extrema dificuldade, o que gerou uma oportunidade para a instalação de grandes mineradoras, inclusive com recursos advindos do capital estrangeiro. Assim, três grandes empresas dedicadas principalmente à extração de ferro passaram a atuar nesse município a partir da segunda metade do século XX: S.A. Mineração Trindade (Samitri), Companhia Vale do Rio Doce e Samarco S.A. A Samarco, empresa brasileira, controlada em partes iguais pela Vale do Rio Doce e pela firma angloaustraliana BHP Billiton, instalou-se em Mariana em 1977. Inicialmente, ela atuou em uma antiga fazenda nos arredores de Bento Rodrigues, a mina do Germano. Para alocação dos rejeitos do complexo minerário de Germano, essa mineradora construiu três barragens: Germano, Fundão e Santarém. A partir da década de 1990, a Samarco iniciou as operações de lavra na Mina da Alegria, em um entroncamento entre Mariana e Ouro. Tais instalações alteraram significativamente o curso de meu leito e aumentaram sua poluição. Em paralelo, para possibilitar a passagem dos caminhões que transportavam eucalipto, bauxita e outros minérios, o traçado da estrada entre Bento Rodrigues e Santa Rita Durão, antigo arraial do Inficionado, passou por melhorias (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 71).

Ao final da década de 1970, o povoado de Bento Rodrigues conseguiu a eletrificação. Posteriormente, chegou o telefone e, em

2003, o asfaltamento de suas principais ruas. A localidade sediava aproximadamente 180 casas, onde vivia uma comunidade de 600 pessoas, as quais mantinham antigos e profundos laços sociais (UFMG/ICOMOS, 2019, p. xi). Em 2004, Bento Rodrigues foi incluído no roteiro da Estrada Real, projeto que começou a atrair para a localidade o turismo de cultura e de aventura. Aliás, em algumas ocasiões do ano, como durante o carnaval, as cidades e povoados situados nas minhas proximidades tornavam-se bastante frequentados por visitantes e antigos moradores, que vinham rever parentes e amigos, além de divertir-se. Já em Paracatu de Baixo habitavam em torno de 300 moradores, distribuídos por pouco mais de 100 famílias (FURLANI, 2016, p. 44), que se dedicavam principalmente à atividade rural, sobretudo àquela provinda da lavoura do milho e do feijão, à produção leiteira e à criação de aves (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA, 2005, p. 159). Em Gesteira, por sua vez, residiam em torno de 20 famílias também dedicadas à agricultura e ao artesanato, como os bordados em pano de prato.

Infelizmente, foram essas as três comunidades mais diretamente atingidas com a queda da Barragem do Fundão, localizada às margens de um de meus afluentes, no dia 5 de novembro de 2015. Com o rompimento dessa estrutura de contenção de rejeitos de minérios, milhares de toneladas de lama foram deramadas em meu curso, atingindo também, de diversas maneiras, o cotidiano de outros tantos povoados situados nas minhas proximidades, como Paracatu de Cima, Pedras, Bicas, Campinas, Borba, Ponte do Gama, Barretos, para em segui-



GUALAXO
VIVO

da contaminar os rios Carmo e Doce, até a foz no Oceano Atlântico.

Foi horrível! Perceber a vida vegetal e animal ser destruída no interior de minhas águas e nas minhas margens, ouvir ser destrocada a maior parte do patrimônio material e intangível de todos esses ambientes, escutar o desespero e até a morte de pessoas. Iniciava-se então outra fase na história das comunidades sediadas em meu entorno, quando os laços de convivência deram suporte a reivindicações de ressarcimento e tentativas de recomeço de vida.



G U A L A X O
V I V O

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FURLANI, Bruna Burkhardt. *Rotas da informação: Estudo das relações estabelecidas em Paracatu de Baixo na comunicação do maior desastre ambiental brasileiro*. 2016. 132f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA. *Inventário de Proteção do Acervo Cultural*. Mariana, 2005. Mimeo.

UFMG/ICOMOS. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

G U A L A X O
V I V O

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS